

Recessão já provoca manifestações dos empresários

Fotos de Arquivo

O empresariado brasileiro começa a se preocupar com a recessão. A Confederação Nacional da Indústria já lançou um movimento anti-recessão, definido pelo seu presidente, senador Albano Franco (PFL-SE), como "um verdadeiro mutirão" contra a recessão da economia.

Na inauguração da Casa da Indústria na capital do Mato Grosso do Sul, da qual participaram presidentes da maioria das federações estaduais da indústria, Albano Franco disse que só admite que o Brasil venha a recorrer "as idéias ortodoxas e monetaristas do FMI", se elas não provocarem recessão. O presidente da Fiesp, Mário Amato, expressou opinião semelhante.

Amato, como Albano Franco, admitiu que há risco de recessão atualmente, quando o varejo começa a apresentar alguma redução. Esclareceu que ainda não se sabe se se trata apenas de um alinhamento de estoque. Disse acreditar que os juros vão cair com as medidas econômicas que o Ministro da Fazenda, Dilson Funaro, vai anunciar.

A Confederação Brasileira de Diretores Lojistas deu prazo de 15 dias para que o governo adote medidas que tirem da "fase de insolvência" 60% dos pequenos e médios comerciantes. Ameaçou convocar "uma paralisação total do comércio, por tempo indeterminado". Segundo seu presidente, Milton dos Reis, esta é a "mais grave crise da história do comércio".

Pequenos produtores rurais do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná já estão bloqueando agências bancárias e lojas comerciais em dezenas de cidades, num protesto contra a política agrícola do governo. Querem uma política mais estável, com moratória de dois anos para o pagamento dos financiamentos feitos no ano passado e juros mais baixos.

Para a Federação das Indústrias do Estado da Bahia, o país está sendo paralisado e nisso há "uma conotação estranha de um plano elaborado, estruturado e financiado com o objetivo de criar um estado de anarquia que fatalmente desestabilizaria o governo como um todo". O presidente da FIEB, Orlando Moscozo, fez esta advertência ao ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto.



Mário Amato (E) e Albano Franco recusam recessão mesmo com ida ao FMI